

Notícia:¹

Espelho do mundo real ou combustível do caos?

José Antônio Ferreira Cirino²

Simone Antoniaci Tuzzo³

Resumo

O presente artigo propõe um olhar para a notícia e para o mundo midiático com vistas a entender o processo de reflexão do mundo real ou potencialização do caos. Nitidamente vivemos momentos em que o *discurso* jornalístico é o *poder* simbólico mais difundido e que deve ser atentamente analisado. A partir de uma Análise Crítica de Discurso de duas matérias jornalísticas, uma do Jornal Diário da Manhã (mídia impressa) e a outra do Fantástico - Rede Globo (mídia eletrônica) foram feitos apontamentos do posicionamento da mídia em relação à violência e a segurança pública.

Palavras-chave

Violência; agenda-setting; insegurança pública;

A guerra nos mundos: real X midiático

Um dos fatos históricos que mais incitam estudos de influência da mídia sem dúvida ocorreu ao final da década de 30, quando um programa de rádio resolveu fazer uma adaptação da ficção científica Guerra dos Mundos (MEDITSCH, 1998) gerando um caos na sociedade americana, décadas depois repetida no Maranhão com o mesmo efeito (G1, 2011): pessoas aguardando a morte no dia do apocalipse alienígena.

A confusão ocorreu pela falta do limiar crítico e os limites entre a leitura literária e o rádio-jornalismo da época. Será que em pleno século XXI as pessoas já

¹ Trabalho apresentado no GT 6 – Discurso e Poder do VII Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação, na categoria pós-graduação. UFRJ, Rio de Janeiro, 15 a 17 de outubro de 2014.

² Mestrando em Comunicação, linha de pesquisa Mídia e Cidadania na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Aluno participante do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da Mídia entre os Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ, Casadinho/Procad. E-mail: tonny.mfc@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação pela UFRJ, Mestre e Graduada em Comunicação pela UMESP, Docente do PPGCOM da Universidade Federal de Goiás – UFG. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da Mídia entre os Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ, Casadinho/Procad. Trabalho desenvolvido na linha de pesquisa Mídia e Cidadania – PPGCOM – UFG. E-mail: simonetuzzo@hotmail.com.

conseguem distinguir realidade da ficção? Distinguir sensacionalismo de exposição dos fatos? Entender o que é narrativa ficcional e o que é matéria jornalística? Compreender que o jornalismo é a redução da realidade (JOST, 2009) e que por si só cria um *simulacro* (BAUDRILLARD, 1993)?

Se pararmos para refletir nos produtos midiáticos de hoje os gêneros discursivos estão misturados: são novelas com debates de fatos reais; jornais com simulações ficcionais; matérias com opiniões não profissionais e elucubrações mentais que refletem a realidade de visão de uma única pessoa vista como matéria jornalística e divulgada nos principais centros de notícia, entre outros exemplos.

Realidade, simulacros e ficção são produzidos pela mídia com a mesma estética e por isso criam uma confusão conceitual no receptor? A realidade de mundo está sendo desenhada não pela sua consequência de ações, mas pela visão que temos delas e que se transformam na própria realidade? Que tipo de mundo a mídia está construindo ou exibindo? Com essa forma de produção estética pasteurizada, os veículos de comunicação podem desenvolver o caos pelo movimento de supervalorização de imagens sem que o receptor perceba? Será que ao invés de espelho da realidade a mídia tem sido uma lupa que aumenta e potencializa o que passa por sua lente?

Sodré (2009) debate um deslizamento do texto jornalístico inclinado às narrativas literárias. Esse novo formato de escrever e transmitir a realidade moldada pelos veículos de comunicação somente dificultou o processo de entendimento dos textos/imagens. “No caso do Brasil, a coexistência dos modelos de encadeamento e de midiatização gera uma fricção que assume socialmente características de violência institucional ou burocrática” (SODRÉ, 2006, p. 37).

Como os indivíduos recebem as informações? Eles possuem discernimento suficiente para compreender o que é *real* e o que é *real fabricado*? Schettino (1998, p. 178) refletiu sobre a “rádio novela” Guerra dos Mundos protagonizada por Orson Welles: “O ‘jornalismo’ de Orson Welles abriu possibilidades, alertou para o perigo da manipulação e, sobretudo, mostrou que a perfeição técnica, entre outros elementos, é capaz de tornar ‘real’ o mundo fantástico da literatura”.

Temer (2014), corrobora, afirmando que:

Mesmo que a alma do jornalismo seja a notícia, a informação de grande interesse e importância social (ou o tripé verdade-novidade + interesse público + interesse do público) a prática do jornalismo está delimitada pelas suas condições de produção e pela mescla complexa da visão de mundo de todo um conjunto de profissionais (jornalista, editores, repórteres fotográficos, mas também o diretor do jornal, etc.) que elaboram seus conteúdos. (TEMER, 2014, p. 94).

Outro foco de estudo é a teoria da *agenda-setting*: o que é pauta dentro da produção jornalística (WOLF, 2005)? Na maioria das vezes a criminalidade, a saúde, a poluição, enfim, problemas sociais nem sempre aumentam ou diminuem, a questão é que em alguns dias fazem parte da pauta da mídia e em outros não. A *realidade* social na sociedade contemporânea é também uma *realidade midiática*, tendo em vista que as pessoas conhecem o mundo pelos discursos da mídia. Assim, o que existe é o que está sendo publicizado. Portanto, a violência exposta *na* mídia torna-se uma violência *da* mídia (MEDEIROS, 2009), pois além de *exibir* o caos tem poder de *constituí-lo*.

É sobre a dualidade da mídia, de ser espelho da realidade e ao mesmo tempo combustível do caos que tratamos neste artigo através, especificamente, do elemento crucial da composição farmacológica da pílula midiática (notícia) que vicia, manipula e pode causar dependência: o discurso. Delimitando ainda mais, o discurso referente à violência e como ele motiva o medo e a insegurança pública.

Notícia e agendamento: pílulas em super dosagem para uma sociedade viciada

Da mesma forma que a história foi contada até hoje pelos vencedores das guerras, assim ainda tem sido: os proprietários dos grandes conglomerados de comunicação de massa contam a verdade que é viável para a continuidade da supremacia. A elaboração de uma notícia faz parte de um processo de seleção e exclusão, incluindo alguma informação ou enquadramento da verdade, deixando de fora o outro lado. O fato de escolher fontes, dados e informações, privilegiando em detrimento de outras, demonstra o caráter parcial e opinativo das matérias jornalísticas. “O problema, portanto, não está na verdade, mas na seletividade, que é inevitável, mas também desejada e regulamentada” (LUHMANN, 2005, p. 56)

Alguns dos fatores que Luhmann (2005) chamou de *seletores* para o processo de fabricação da notícia: a informação tem que ser *nova*, preferencialmente que possua *conflitos*, demonstre *quantidades* (valores comparativos, etc.), a sua *relevância* e afinidade local, acontecimentos de *transgressões* à lei (que as pessoas sintam-se lesadas ou indignadas com a situação), passíveis de conceber um *juízo* moral (pessoas sendo exaltadas ou humilhadas), atribuição da responsabilidade a *agentes* (sujeitos bem definidos), exige-se *atualidade* (rapidez na cobertura, perdendo na qualidade), com *manifestações* de opiniões e um seletor fortalece o outro, por ser uma notícia montada por uma *organização* e padrões pré-estabelecidos.

Um dos fatores que devem ser ponderados quanto à notícia foi elucidado por Park (1970), a notícia tem uma força tão viral e epidêmica que a primeira reação dos indivíduos frente a uma notícia, reportagem ou matéria jornalística é a de compartilhá-la através da conversação, sendo tema principal das caminhadas, pausas para o café, elevador, ponto de ônibus, etc. A partir desse momento a notícia caminha sozinha tomando outras proporções e sendo ressignificada a cada nova conversa, com atribuições de sentido e inclusão de novos discursos entremeio ao seu compartilhamento.

Embora o jornalista construtor daquela notícia não tenha responsabilidade direta com os desdobramentos e a forma como as pessoas irão se utilizar da notícia, possui sim responsabilidade com o que está sendo emitido e tentar evitar ao máximo problemas que ela possa vir a suscitar, do contrário, seria esta mesma a intenção do emissor: gerar problemas e o próprio caos, sendo combustível do acontecimento ali ilustrado em texto.

“O real da notícia é a sua ‘factualidade’, a sua condição de representar um *fato* por meio do *acontecimento* jornalístico” (SODRÉ, 2009, p. 27), mas será que é aí que termina o real da notícia? Construir e utilizar plataformas simbólicas e elementos de sedução, criando um texto que atrairá a atenção, não é a parte ficcional narrativa que a notícia possui? Os fatos são reais, mas a forma que eles são contados não são? A interpretação de um fato reconstrói a sua verdade? “De tal modo, o discurso não é meramente informativo, mas também *autoconfirmativo*, gerador de uma circularidade capaz de modificar os fatos que são objeto da informação” (SODRÉ, 2009, p. 39).

Para construir esse novo ambiente de informações pré-concebidas e que se estabelecem ocasionando em matrizes discursivas que se entrelaçam e fortalecem os discursos inseridos na sociedade, um dos processos mais eficientes é o do agendamento. Todo acontecimento transformado em notícia que passa por uma divulgação frequente em diversos meios por tempo suficiente é considerado uma *agenda*. Os veículos que não aderem à agenda do dia/semana/mês podem ser ignorados pela grande massa e considerados desatualizados, por isso entra-se em um ciclo vicioso, ou a circularidade prevista por Sodré (2009), onde por mais que não se queira falar ou divulgar determinado assunto, a maioria está fazendo então não o fazer seria um suicídio midiático.

Nessa fórmula existe também a agenda considerada pública e a pessoal. Ambas interagem com a agenda midiática e se significam, atribuem sentidos e configuram novos conceitos e pré-conceitos no dia-a-dia.

[...] a influência da agenda pública sobre a agenda jornalística é um processo gradual através do qual a longo prazo se criam critérios de noticiabilidade, enquanto a influência da agenda jornalística sobre a agenda pública é directa e imediata, em particular quando envolve questões para as quais o público não dispõe de experiência directa. (TRAQUINA, 2000, p. 33)

Tratando especificamente sobre o objeto ao qual utilizaremos de exemplo neste artigo, a violência é agendada frequentemente em casos monstruosos em todos os veículos de comunicação promovendo um ambiente hostil de sobrevivência no mundo *real*. Muitos de nós não sabemos como sair às ruas e enfrentar o dia com tanta violência lá fora. O medo ainda é uma forma de dominação, saiu das mãos da Igreja e do Estado e passou para as mãos da mídia que controla a população a partir da insegurança que ela gera. “Portanto, o modo como as questões são enquadradas impõe uma agenda de atributos que tanto pode afectar *o que pensar* quanto *o como pensar*” (TRAQUINA, 2000, p. 37). Sempre há diversas opções de respostas sociais e psicológicas às notícias, mas o formato jornalístico corrobora para que não haja espaço para pensar de maneira diferente, é dado o assunto e como pensar sobre aquilo.

A hipótese da *agenda-setting* sustenta que a mídia é eficaz na construção da imagem da realidade que o indivíduo começa a estruturar. Essa imagem – que é simplesmente uma metáfora representativa da totalidade de toda a informação sobre o mundo, que cada indivíduo trata, organizou e acumulou – pode ser pensada como um padrão em relação ao qual a informação nova é confrontada para dar-lhe o seu significado. (WOLF, 2005, p. 152)

“No entanto o público também reluta em descartar por completo os próprios temas preferidos para adotar simplesmente o perfil temático apresentado pela mídia” (WOLF, 2005, p. 154), por isso não podemos ser inocentes e acreditar que uma campanha política, por exemplo, seria ganha apenas através de um agendamento positivo constante e frequente de um candidato.

Essas críticas são válidas, pois de fato o agendamento não altera o real, ou pelo menos não diretamente como pensamos. A inquietação é se o jornalismo, as notícias e seu agendamento constituiriam um novo tipo de realidade, uma realidade midiática, que essa sim, teria influência sobre a realidade social, ressignificando sua própria matéria prima que é o acontecimento.

Discurso e poder sobre a violência e a (in)segurança pública

Diversos teóricos e profissionais se debruçaram a pesquisar e compreender as faces de um discurso. Comumente vemos a palavra *discurso* ser empregada nas atividades de pronúncia de oratória por pessoas em posição de autoridade, geralmente políticos, e por isso também temos a significação do discurso como uma falácia, quando categoriza-se como *só discurso*. Para Maingueneau (2011, p. 51) “‘discurso’ é constantemente ambíguo, pois pode designar tanto o sistema que permite produzir um conjunto de textos, quanto o próprio conjunto de textos produzidos [...]”.

O intuito principal quando de uma análise do discurso midiático é revelarmos possíveis características e peculiaridades dos textos produzidos pelos veículos de comunicação. “Ora, a ideia de revelar algo implica que esse algo está oculto, opaco, e, por isso, fora do alcance da consciência do indivíduo” (OLIVEIRA, 2013, p. 23).

O discurso é a fonte principal do *poder simbólico* (Thompson, 2011), que em uma análise mais ampla, Dijk (2010) o trata como *poder social*, e a forma como ele é utilizado para controlar, sendo uma dominação – muitas vezes – mais eficiente, por ser auto-imposta ou incorporada entremeio a outras questões. Discursos dentro de discursos, que passam despercebidos, ocultados, ou superexpostos, podendo prejudicar grupos, pessoas ou ideologias, e também privilegiar outros.

“A violência urbana foi transformada no grande tema do Brasil nos últimos tempos. Basta abrir um jornal ou assistir a um noticiário de televisão para ser bombardeado com informações sobre as mais recentes vítimas de assaltos e crimes” (OLIVEN, 1983, p. 20). Isso foi escrito há três décadas, mas ainda faz sentido atualmente.

A violência e os crimes sanguinários se fortaleceram como um grande nicho mercadológico na *economia da atenção* (SODRÉ, 2000), e saíram dos seus tradicionais espaços da *Segurança Pública*, as editoriais especializadas em assuntos policiais, e ganharam boa parte do tempo/espço nos diversos meios de comunicação. “Neste sentido, a problemática social da violência vem sendo abordada exaustivamente pelos meios de comunicação [...] e por isso é considerada um tema utilizado com sucesso [...]” (MENDES, 2005, p. 78).

O diferencial entre a mídia e outras estratégias pelas quais o crime “fala” é que aquela consegue “amplificar” o relato sobre a violência. Se a *fala do crime* pode se difundir através de conversas, comentários, brincadeiras, ou outras manifestações microscópicas, a difusão considerável que os meios de comunicação podem dar a narrativas de crimes violentos lhe atribui um caráter macroscópico. (COSTA, 2008, p. 126)

Esse ato de comunicação a partir da linguagem própria da violência constitui-se como uma contribuição negativa para a sociedade, tendo em vista que “os meios de comunicação de massa – a *mass media* – são, inegavelmente, os mais atuantes veículos de sugestões, e tornam-se perigosamente *deseducadores*, quando dão exagerada ênfase às minúcias dos crimes e glorificam seus autores nas entrevistas” (FERRAZ, 1994, p. 67). Além disso, como ressalta Ferraz (1994), os delinquentes, criminosos e os famosos *serial killers* tem mais vaidade profissional do que qualquer outra “classe profissional”, por assim dizer. A mídia acaricia e afofa seus egos, sendo um certo tipo de troféu para aquele que vê sua obra criminal sendo noticiada com afã.

A violência é atriz principal no palco do espetáculo midiático por valer-se de detalhes e riqueza visual nas imagens que estimulam a audiência, tanto na produção ficcional como no jornalismo, sendo este último ainda mais poderoso por se utilizar de imagens reais e com maior apelo. Talvez pelo fato de no início da pulverização dos aparelhos de televisão grande parte da produção era voltada a histórias de assassinatos, momento em que “o relato da criminalidade torna-se sucesso de público” (COSTA, 2008, p. 123).

Esta é uma pesquisa que tem como objetivo principal entender se a notícia é simplesmente o espelho da realidade ou combustível do caos, ao tornar-se amplificadora das mazelas da sociedade criando por si só um ambiente hostil de sobrevivência para os seres. Para analisar esta inquietação, tomou-se como foco a área da violência e segurança pública, mas isso pode ser visualizado em todas as outras áreas (saúde pública, transporte, etc.): o poder constitutivo de caos advindo da mídia.

Ciente da dificuldade em obter um método totalmente eficiente para compreender esse jogo de persuasão e ocultação ideológica dos interesses nas informações difundidas optou-se nesta pesquisa por uma abordagem da análise de discurso mais recente e que se baseia nas relações do texto com as práticas discursivas e com as práticas sociais, proposta por Fairclough (2001) sob o nome Análise Crítica do Discurso (ACD).

Essencialmente, Fairclough entende que o discurso transforma as práticas sociais, e que as próprias práticas sociais alteram também o discurso. “Sem o discurso não há práticas sociais” (2001, p. 285). A ACD retoma conceitos e abordagens da análise de discurso da linha francesa, mas não se atém à linguística tradicional, perpassa pelo campo social, motivo pelo qual sofre críticas da academia que se dedica exclusivamente aos estudos convencionais do discurso.

Mais especificamente para a análise deste artigo assumiu-se a série de reportagens divulgada pelo Jornal Diário da Manhã – impresso da cidade de Goiânia (GO) - intitulada *INSEGURANÇA PÚBLICA* e a partir dela verificou-se uma história que atualmente também ganhou destaque nacional: o motoqueiro assassino na área metropolitana de Goiânia (GO), que desde o início do ano matou diversas jovens sem um padrão específico, mas mesmo assim categorizado como um serial killer.

Tudo começou em meados de março e abril deste ano quando foi compartilhado via *Whatsapp* um áudio gravado por uma menina não identificada em que fazia um alerta para as outras mulheres: havia um serial killer matando jovens mulheres, principalmente em pontos de ônibus, e que a polícia estava abafando o caso para que as investigações fossem mais ágeis na busca deste assassino.

O áudio foi desacreditado pela maioria dos que o ouviu e pela própria imprensa que buscou informações com a polícia e divulgou à sociedade que não havia

confirmação de existir um serial killer (embora também não houvesse uma negativa do fato), essa é o que podemos considerar a primeira fase da implantação do medo.

Já na segunda fase foi o lançamento da série de notícias Insegurança Pública a partir de junho de 2014, que em sua maioria, possuía títulos como: “Goianos reféns do medo”, “Os ladrões trabalham cedo”, “Junho, mês recorde de homicídios”, “Mapa mostra aumento e disseminação da violência no Brasil”, “Goiânia, capital do medo”, “Brasil violento, Goiás também”, entre tantas outras matérias que demonstravam este ser, talvez, o período mais violento da capital goiana. Nestas notícias já eram contempladas suposições quanto ao serial killer, mas com a ressalva de que não era nada confirmado.

Na terceira fase, iniciada ao final de julho com a morte de mais jovens mulheres, foi o *boom* na mídia em que se confirmaram os assassinatos às mulheres intitulados como “mulherescídios” e que veio à tona em toda a mídia local e nacional, culminando com a revolta das famílias das vítimas que se organizaram e promoveram uma “manifestação contra o assassinato em série de mulheres em Goiânia”, marcada pelo facebook que obteve mais de 35 mil confirmações de comparecimento e no dia 09 de agosto da manifestação conseguiu ao menos duas mil pessoas protestando.

Pronto, o caos estava montado. O pânico implementado durante os primeiros meses do caso foi confirmado e criou faces: várias das vítimas foram nomeadas e suas famílias foram aos principais veículos locais para dizer da dor e tristeza da perda pedindo paz e segurança para a sobrevivência na cidade. Nesse entremeio várias matérias foram divulgadas sobre o caso, mas nenhuma em que colaborasse para resolução do crime ou mesmo a prevenção e segurança das potenciais vítimas, mas sim sempre voltado à espetacularização do caso. O fato emergiu inúmeras problemáticas que culminam na falta de segurança pública e de investimentos nessa área, respondida prontamente pelo governo do Estado com o incremento de policiais militares nas ruas da cidade, mas sem políticas de segurança efetivas que mudariam esse cenário, tal qual sempre é resolvido com remédios que tratam o efeito, deixando a causa ainda viva para em breve emergir e proporcionar mais mortes.

Optou-se por uma amostragem aleatória, na qual se tomará uma matéria do veículo impresso local Jornal Diário da Manhã que compõe a série jornalística “Insegurança Pública” sob o título: “Presos 4 suspeitos de serem o suposto Serial

Killer” de 01/07/2014 e a reportagem televisiva veiculada em âmbito nacional na revista eletrônica Fantástico, da Rede Globo, sob o título: “Famílias de vítimas de serial killer de Goiânia tentam entender o que aconteceu” de 10/08/2014. O intuito é confrontar as informações impresso versus televisão e local versus nacional, fatores de formato/suporte e abrangência/difusão, além de que são períodos e momentos diferentes do caso “motoqueiro serial killer”.

Os apontamentos iniciais são referentes à série “Insegurança Pública”. Todas as matérias que compunham este amontoado de textos sobre violência eram antecedidas de um recurso gráfico-visual para destaque, utilizando-se de um projétil de bala para ilustrar a matéria e de um vetor de uma cena de homicídio no canto esquerdo, conforme abaixo.



Figura 1 - Fonte: Jornal Diário da Manhã, 01 de julho de 2014.

A partir daí já está criado o clima necessário para a leitura da matéria, pois longe de possuir os recursos visuais e sonoros que a televisão possui, o jornal deve valer-se apenas de aspectos gráficos estáticos que devem contextualizar o indivíduo leitor, conforme aplicados nesse material.

A matéria específica da análise, intitulada “Presos 4 suspeitos de serem o suposto serial killer”, é iniciada com a seguinte frase: "Depois que suspeitas da existência de um serial killer começaram a desencadear pavor nas mulheres, a Polícia Civil começou a desvendar crimes relacionados a mortes femininas com elevado grau de crueldade" (INSEGURANÇA PÚBLICA, 2014, p. 2). Este parágrafo inicial é quase uma confissão da ação midiática, pois já deixa claro que o pavor nas mulheres foi desencadeado especificamente pelas suspeitas da existência desse serial killer, que independente de ser ou não um caso real, já se torna mais real do que se fosse.

E demonstra também que somente após tantas mortes é que a polícia começou a desvendar crimes, que de acordo com a matéria são de um elevado grau de

crueldade, suscitando mais medo e até indignação nos leitores. O texto prossegue afirmando que os suspeitos começaram a ser detidos a partir de maio, porém essa época ainda só havia hipóteses do caso, mas que pelo jeito para a polícia já era um inquérito aberto e tratado com cautela.

Em um subtítulo da matéria principal chamado “Serial Killer” a reportagem entrevista uma delegada que afirma que a polícia nunca confirmou a existência de um assassino em série na capital, só que também nunca disse o contrário, “cabendo a sociedade a criação de uma espécie de lenda urbana” (INSEGURANÇA PÚBLICA, 2014, p. 2). Esse ponto corrobora para uma reflexão em relação a agenda pública e a agenda midiática. Poderia a delegada estar correta e os boatos e conversas permeados pela agenda pública incentivaram a criação dessa lenda urbana potencializada pela agenda midiática? Isso seriam questionamentos cabíveis para aquele momento, pois a matéria foi publicada em 1º de julho, data que ainda tudo estavam no campo das suposições.

A delegada afirma ainda que o possível serial killer já estava preso dentre um dos quatro suspeitos, chamado Leandro, e que este havia atacado apenas por um determinado período de tempo. Foto dos quatro suspeitos foi estampada no jornal, provavelmente na tentativa de criar um “sujeito” principal para concentrar a indignação, o ódio e o medo da população. O medo agora tinha rosto. A matéria é concluída com:

A elucidação desses crimes começa a dar uma resposta à sociedade que esteve em pânico após boatos disseminados em redes sociais e repercutidos pela imprensa. A história de que um homem em uma moto preta estava assassinando jovens mulheres foi assunto durante os últimos meses. O fato foi negado pela polícia, por mais que pessoas sugerissem muitas características comuns entre os diversos crimes cometidos contra mulheres ultimamente em Goiânia. (INSEGURANÇA PÚBLICA, 2014, p. 2)

Novamente é ressaltado o estado de pânico da sociedade, mas ao mesmo tempo sinaliza certo ponto final ao caso, inclusive dando um ar de “apenas história” à “lenda urbana” criada pela sociedade. Na matéria não foram contempladas informações que colaborassem para a prevenção e segurança das vítimas em potencial, muito menos dados mais esclarecedores da situação (quantitativo de crimes, ações pontuais da polícia, etc.).

Essa situação também é enxergada na reportagem televisiva do programa Fantástico da Rede Globo (FANTÁSTICO, 2014), que já em outro momento do caso - 40 dias depois da matéria do jornal Diário da Manhã e após mais mulheres assassinadas -, torna a então “hipótese” uma realidade para todo o Brasil: há um serial killer em Goiânia. O próprio título da reportagem traz isso à tona: Famílias de vítimas de serial killer de Goiânia tentam entender o que aconteceu.

A reportagem tem duração total de 5 minutos e 30 segundos e não foge ao padrão consolidado de matérias televisivas desse tipo: um som de fundo na reportagem cria um ambiente de tensão e suspense, familiares são exibidos com objetos pessoais das vítimas e contam detalhes da vida delas que podem criar semelhança e mais indignação na população, sobreviventes do crime são filmados demonstrando a dor, o desespero e o medo, além da fonte oficial do caso, o delegado principal, com informações não conclusivas e que não passam em nenhum momento segurança à população.

A reportagem foi calcada prioritariamente na personagem “Ana Lídia”, adolescente de 14 anos vítima do motoqueiro. O local de sua morte é mostrado e a forma como a população está sentindo a dor da sua perda, representada por uma pessoa entrevistada no local entregando flores e dizendo que ela se parecia muito com sua filha – criando semelhança. As imagens de uma câmera de segurança que mostram os últimos segundos da vida da adolescente abriram e fecharam a reportagem, exibindo também o motoqueiro com moto e roupas pretas – dando imagem real ao antagonista até então apenas imaginado.

Outra situação que também gera pânico é a simulação do crime, que através de recursos gráficos compõe o cenário do possível assassinato, devido a falta de imagens reais que denotam o momento. É exibida uma testemunha-chave na investigação que conseguiu perseguir por alguns minutos o possível assassino, mas que, por medo de também perder sua família que estava com ele no carro, recuou.

Toda a matéria resume-se em palavras como: medo, dor, desespero, insegurança e violência. Essa reportagem trouxe que desde janeiro foram 15 jovens assassinadas. Apesar de possuir tempo suficiente para tal, a matéria não contemplou e nem abriu discussão para questões como políticas de segurança e nem os motivos

pelos quais a cidade está nesse caos, prestando um desserviço à população, pois só suscitou ainda mais o pânico.

Ao exibir em um veículo midiático com grande credibilidade a confirmação de algo que apenas era hipóteses fez, provavelmente, com que o cenário se tornasse ainda mais real e verdadeiro para a maior parte da população, independente de refletir a realidade, buscou ser combustível do caos.

O espelho virou lupa

A discussão presente neste artigo refere-se ao nítido deslizamento do jornalismo para uma narração literária que se utiliza dos elementos do real para uma construção de uma matéria mais atrativa com recursos nitidamente ficcionais. E como afirmou Sodré (2009, p. 45) “[...] é cada vez mais difícil separar o imaginário do real ou o verdadeiro do falso”. Fora que os recursos atualmente disponíveis para a produção das notícias “[...] permite pouca distinção entre o real e o romanesco. Muitas vezes, a ficção instaura-se no imaginário coletivo como dado concreto da realidade” (COSTA, 2008, p. 159).

Por isso, cabe uma reflexão: “são os media que induzem as massas ao fascínio, ou são as massas que desviam os media para o espetacular?” (BAUDRILLARD, 1993, p. 110). Trata-se claramente de um processo interativo e uma via de mão dupla, onde os veículos entregam à população o que dá audiência, e a população lhe pede aquilo que lhe é oferecido tradicionalmente. Um ciclo vicioso em que não há brechas para interrupções ou implantação de novidades.

As notícias analisadas neste artigo de diferentes suportes, períodos e abordagens, mas sobre um mesmo caso, refletem a forma como a mídia tem se posicionado em relação à violência, bem como se faz de ferramenta para a instaurar o caos na sociedade, pois oferece visibilidade exagerada aos temas em detrimento de outros num processo de *seleção* que pode melhor denominado de *exclusão*.

A máxima do jornalismo de ser *espelho* do mundo está dando lugar a uma nova perspectiva, em que a mídia se torna um combustível do caos, sendo na verdade uma *lupa* do mundo real, que através de sua *lente de aumento* ainda reflete parte da realidade, mas principalmente também aumenta e potencializa determinados enfoques

e assuntos abordados. A lupa tem a propriedade de conjugar uma imagem virtual, direta e maior que o objeto, que é o que mais temos visto como resultado das ações do jornalismo, da mídia e da comunicação como um todo.

Na clássica cena de desenhos e filmes em que vemos uma criança pegar uma lupa para concentrar um raio de luz solar em uma formiga para queimá-la, podemos imaginar que a formiga é a sociedade, a luz é a informação (discurso), a lupa é a mídia, mas não sabemos claramente quem é essa criança que segura a lupa para queimar as formigas, mas podemos imaginar que sejam os grandes grupos de monopólio da comunicação que também só deixam passar por essa lente aquilo que lhes é conveniente. Todos os elementos que compõe esta metáfora são importantes de serem analisados nesse jogo de discurso e poder.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1993.

COSTA, Yuri Michael Pereira. *A outra justiça: a violência da multidão representada nos jornais*. São Luís: EDUFMA, 2008.

DIJK, Teun A. Van. *Discurso e poder*. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social* / Norman Fairclough; Izabel Magalhaes, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERRAZ, Hermes. *A violência urbana*. João Scortecci Editora, 1994.

G1. *Programa de rádio que causou pânico no maranhão faz 40 anos*. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/10/programa-de-radio-que-causou-panico-no-maranhao-faz-40-anos.html>. Acesso em 15-07-2014

JOST, François. *O que significa falar de “realidade” para a televisão?* In: *Televisão e realidade*. Organização Itania Maria Mota Gomes. Salvador: Edufba, 2009.

LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação* / tradução Ciro Marcondes Filho. – São Paulo: Paulus, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 6. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MEDEIROS, Magno. *Violência da mídia, tecnorracionalismo e cidadania*. In: *Comunicação & Informação* v. 12, n.1: p. 16-26 - jan./jun. 2009.

MEDITSCH, Eduardo. *O pecado original da mídia: o roteiro de A Guerra dos Mundos*. In: *Rádio e Pânico: a Guerra dos Mundos, 60 anos depois* / Eduardo Meditsch, organizador. Florianópolis: Insular, 1998.

MENDES, Sheylla Maria. *A produção das notícias de violência nos jornais impressos do Estado da Paraíba*. In: *Sociologia da Violência: textos sobre juventude e mídia* / JUNIOR, E. F.; MARTINS, I.; Medeiros, K. (orgs.) João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2005.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Gramsci*. In: *Estudos do discurso: perspectivas teóricas / organização Luciano Amaral Oliveira*. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

OLIVEN, Ruben George. *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983.

PARK, Robert E. *A notícia como forma de conhecimento: sociologia do conhecimento*. In: *Meios de Comunicação de Massa* / Charles S. Steinberg – organizador. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1970.

SCHETTINO, Romário. *Quando é o jornalismo que faz ficção*. In: *Rádio e Pânico: a Guerra dos Mundos, 60 anos depois* / Eduardo Meditsch, organizador. Florianópolis: Insular, 1998.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Sociedade, Mídia e Violência*. Porto Alegre: Sulina: Edipucrs, 2006.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. *Flertando com o caos: Comunicação, Telejornalismo e Estado*. Goiânia: FIC / UFG, 2014.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 12. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TRAQUINA, Nelson. *O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva, 2000.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa* / Mauro Wolf; [tradução Karina Jannini]. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Material analisado:

FANTÁSTICO. *Famílias de vítimas de serial killer de Goiânia tentam entender o que aconteceu*. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/familias->

de-vitimas-de-serial-killer-de-goiania-tentam-entender-o-que-aconteceu/3554839/.

Acesso em 12-08-14.

INSEGURANÇA PÚBLICA. *Presos 4 suspeitos de serem o suposto Serial Killer*. In: Jornal Diário da Manhã, Goiânia, página 2, 01 de julho de 2014.